

O Cinema Marginal do final dos 60

O Bandido da Luz Vermelha é a resposta dos paulistas ao Cinema Novo

Em 1968 o cinema brasileiro respirava mais inventividade do que nunca. O IV Festival provou que o certame brasileiro já havia se consolidado nacionalmente e que o cinema brasileiro ia "muito bem, obrigado", se não em termos financeiros, onde de resto nunca esteve numa posição realmente confortável, pelo menos em termos de criatividade.

O IV Festival pode ser encarado como um momento de reconhecimento do novo cinema paulista, "Boca do Lixo" segundo alguns, "Cinema Marginal" segundo outros. **O Bandido da Luz Vermelha**, de Rogério Sganzerla, com Helena Ignes e Paulo Villaça, foi o grande vencedor na categoria de longa-metragem em 35mm. Entre os curtas, venceu **Blá, Blá, Blá**, prolixa criação de Andrea Tonacci, "uma espécie de documentário reconstituído e satírico sobre o discurso de um homem público pronunciado numa situação de crise". (Jairo Ferreira in **Cinema de Invenção**).

Joel Barcellos foi o melhor ator por seu trabalho em **Jardim de Guerra**, de Neville de Almeida. O prêmio de melhor atriz ficou com Irene Stefânia, que aparecia em **Fome de Amor**, de Nelson Pereira dos Santos, e **Lance Maior**, de Sílvio Back. **Bravo Guerreiro**, de Gustavo Dahl, ganhou o prêmio especial do júri e **Fome de Amor** abocanhava ainda os prêmios de melhor música e melhor fotografia.

O **Ofício Católico Internacional do Cinema (OCIC)** mais uma vez se fez presente, premiando Andrea Tonacci por **Blá, Blá, Blá**. O Clube de Cinema de Brasília também ofereceu um prêmio ao filme **Fome de Amor**, escolhido como o melhor do festival.

O V Festival de Brasília do Cinema Brasileiro também ficaria marcado por um "cinema rebelde". A tesoura da censura estava mais afiada do que jamais esteve e diversos filmes foram exibidos com cortes. Ao mesmo tempo, esse foi um ano de consolidação internacional de nosso cinema (**O Dragão da Maldade Contra o Santo**



Paulo Vilaça: o Bandido da Luz Vermelha

Guerreiro, Brasil, Ano 2.000, Macunaíma e Os Herdeiros).

Os longas concorrentes: **A Mulher de Todos**, de Rogério Sganzerla, com Helena Ignes, Jô Soares, Paulo Villaça e Stênio Garcia. **Macunaíma**, de Joaquim Pedro de Andrade com Grande Otelo, Paulo José, Milton Gonçalves, Dina Sfat e Joana Fomm. **Memórias de Helena**, de David Neves (diálogos escritos por Paulo Emílio Salles Gomes), com Arduíno Colassanti, Rosa Maria Pena e Joel Barcellos. **Meteorango Kid, Herói Intergaláctico**, a grande revelação do festival, de André Luiz Oliveira (baiano, com apenas 21 anos em 1969), com Antônio Luiz Martins no papel principal. **Tempo de Violência**, de Hugo Kusnet, com Raul Cortez, Hugo Carvana, Mário Lago, Tônia Carreiro e Glau-

co Rocha. **O Anjo Nasceu**, de Júlio Bressane, com Hugo Carvana, Milton Gonçalves e Norma Bengell. **Em Cada Coração Um Punhal**, criação coletiva de João Batista de Andrade, Sebastião de Souza e J. Rubens Siqueira, com John Herbert, Joana Fomm, Ety Fraser e Zezé Motta.

E não foi só na tela que o cinema rebelde imperou. A piscina do Hotel Nacional também viveu momentos insólitos, protagonizados por Rogério Sganzerla. O diretor paulista não se conformou com as críticas feitas por Rubens Ewald Filho ao seu novo filme e deu-lhe uma surra ao lado da piscina, colocando-o a nocaute. O crítico tinha afirmado que Sganzerla não era o gênio que todos diziam por aí e que, de bom, só tinha feito mesmo **O Bandido...** Vladimir Carvalho

conta que ajudou a levantar Rubens do chão. "O Rogério já tinha prometido acertá-lo. Sem dar muita bola, Rubens desceu à piscina e foi dito e feito".

Entre os curtas, o vencedor foi **A Guimarães Rosa**, documentário de Marcello Tassara realizado pela **Escola de Cinema da USP**, sob a coordenação de Roberto Santos. **A Bolandeira**, de Vladimir Carvalho e **Os Homens do Caranguejo**, de Ipojuca Pontes, receberam o prêmio do **Clube de Cinema de Brasília**, sendo que o último também foi escolhido como melhor curta pelo júri popular e recebeu uma menção especial do júri da OCIC.

O melhor longa segundo o resultado oficial foi **Memória de Helena**, mas **Meteorango Kid, Herói Intergaláctico** recebeu um prêmio especial do júri. Ganhou também o prêmio do **Ofício Católico Internacional de Cinema**. Enquanto o pai do diretor saía eufórico do Cine Brasília, oferecendo a todos uma rodada de whisky no bar do Hotel Nacional por sua conta, André Luiz Oliveira preferia dedicar o filme ao seu cabelo: "Se alguém inventar de cortá-lo, ele vai ficar apenas uma comédia engraçada e eu não gosto de cabelo curto". Para ele, **Deus e o Diabo...** e **Macunaíma** eram coisas do passado: "Hoje a dica é outra. **O Bandido...** é quem falou".

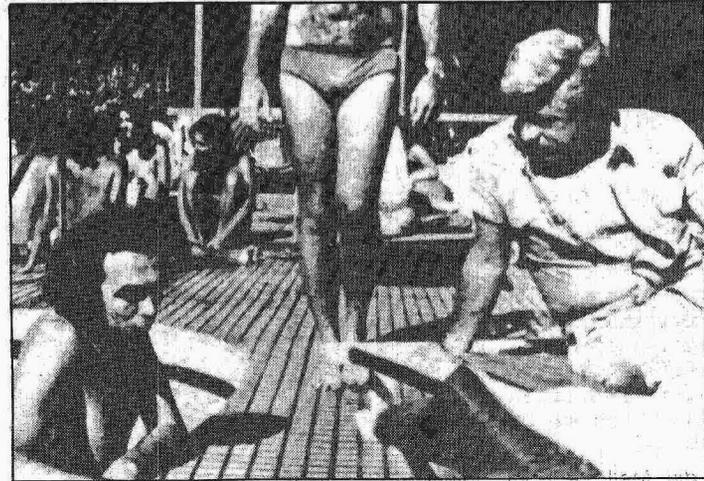
O filme mais premiado mesmo foi **Macunaíma**: melhor diálogo, melhor figurino, melhor cenografia, melhor argumento, melhor roteiro, melhor ator coadjuvante (Jardel Filho), melhor ator (Grande Otelo), além do **Prêmio Carmem Santos**, como melhor filme escolhido pelo **Instituto Nacional do Cinema**.

Helena Ignes foi melhor atriz por seu trabalho em **A Mulher de Todos**, que levou também o prêmio de melhor montagem. **Memória de Helena** recebeu o prêmio de melhor fotografia (David Drew Zing) e Glauce Rocha foi a melhor atriz coadjuvante (**Tempo de Violência**). Guilherme Vaz foi premiado pela trilha sonora de **O Anjo Nasceu**, que também recebeu o prêmio de pesquisa por uma nova expressão concedido pelo Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

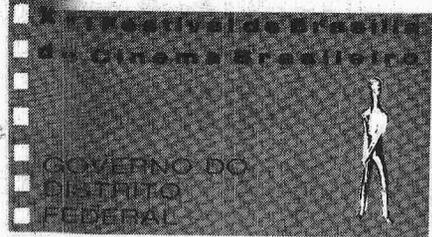
CORTES — Mas a grande polêmica do festival de 69 acabou mais uma vez envolvendo a censura. Dos sete longas concorrentes, somente um (**Tempo de Violência**) não teve problemas com os censores, sendo que um dos filmes (**Em cada Coração Um Punhal**) chegou ser retirado da competição por seus realizadores em virtude do excesso de cortes. **A Mulher de Todos**, longa de Sganzerla, teve 12 cortes na cópia projetada e **Meteorango Kid** foi apreendido após a sessão oficial pela censura, que proibiu a sua exibição nos demais cinemas da cidade.

Ao mesmo tempo não foram poucas as críticas ao desinteresse dos convidados. "Neste festi-

val só existem dois tipos de pessoas: os piscinistas (que passam o dia na piscina) e os copistas (que passam o dia bebendo no bar do hotel)", escreveria um crítico. Por outro lado, Rubens Ewald Filho chamava a atenção para a falta de critérios do júri, que havia dado 7 prêmios a **Macunaíma**, menos de melhor filme: "o que prejudicou **Macunaíma** foi justamente o excesso de prestígio". Os próprios dirigentes da Fundação Cultural temiam que esse fosse o último festival. Mas no rastro da euforia pela conquista do título de Tricampeão Mundial de Futebol, o Festival de 1970 viria para provar exatamente o contrário. Os problemas, no entanto, continuavam.



Julio Bressane e Walter Hugo Khouri: piscinistas?



HOMENAGEM — Cacilda Becker, que morrera naquele ano, foi a grande homenageada do V Festival, que exibiu **Floreadas na Serra**, filme da Vera Cruz, de 1954, onde contracenava com outro monstro do teatro brasileiro, Jardel Filho, sob a direção do italiano Luciano Salce.



O VENCEDOR — **Macunaíma**, de Joaquim Pedro de Andrade, não recebeu o prêmio de melhor filme no V Festival, que ficou para **Memória de Helena**, mas, estranhamente, foi o mais premiado: melhor diálogo, melhor figurino, melhor cenografia, melhor argumento, melhor roteiro, melhor ator coadjuvante, melhor ator... Coisas de festival.



OS MARGINAIS — Júlio Bressane voltou ao Festival, depois de **Cara a Cara**, com o seu **O Anjo Nasceu**, que tinha no elenco Hugo Carvana e Milton Gonçalves. O cinema marginal insistia numa nova estética, distante do cinema novo.